

As mais belas realizações de azulejaria Arte Deco foram produzidas pela Companhia de Fábricas Cerâmicas Lusitânia (Lisboa), representada por uma graciosa placa cerâmica de propaganda, na qual está pintada uma casa tradicional portuguesa segundo o modelo do arquiteto Raúl Lino [101-2957]. Diversas criações desta fábrica destacam-se pela utilização da «tubagem», finos separadores entre as cores lisas e fortes que definem formas geométricas muito depuradas, de apurado *design* e excepcional qualidade técnica [101-1245 e 101-1912]. A fábrica de Sacavém teve igualmente vastíssima produção Arte Deco, em especial composições decorativas [101-289 e 101-332] e padronagem, realizados com pintura à pistola («aerografia») sobre chapas de zinco recortadas, como um painel de *Nenúfares* [101-1925] e padrões com malhas geométricas [101-1173, 101-1187, 101-1239, 101-1255 e 101-1315].

Nos anos 1940, após um curto interregno que coincidiu com a implantação da arte oficial do Estado Novo, a azulejaria começou a ser recuperada segundo conceitos modernos, incentivada por arquitetos que procuravam implantar uma arquitetura igualmente moderna e internacionalista, como Pardal Monteiro, Keil do Amaral, Fernando Távora, José Carlos Loureiro e João Abel Manta, entre outros. De entre os vários pioneiros da época, destacou-se o pintor e ilustrador Jorge Barradas (1894-1971), que começou a realizar, na Fábrica Viúva Lamego, em 1946, uma vasta obra cerâmica, segundo moldes simultaneamente inovadores e tradicionais, que abriram caminho à primeira geração de artistas modernos, com nomes proeminentes como Lino António, Manuel Cargaleiro, Querubim Lapa, Maria Keil, Almada Negreiros, Cecília de Sousa, apoiados por Eduardo Leite na Viúva Lamego, que veio a tornar-se o mais importante centro de azulejaria moderna em Portugal, a partir dos anos 1950.

Grandes campanhas decorativas, como as do Metropolitano de Lisboa ou as da Exposição Internacional de Lisboa de 1998, com o tema «Os Oceanos: um património para o futuro», foram fundamentais para a fase da azulejaria moderna que se estende até ao presente.

Nas três últimas décadas, a Galeria Rattón Cerâmicas (Lisboa) tem desenvolvido novas vias para o uso do azulejo, através da criação de edições de azulejos individuais, de tipo «figura avulsa», que reproduzem modelos criados por variadíssimos artistas contemporâneos, como Bartolomeu Cid, Menez, Siza Vieira, Paula Rego, Costa Pinheiro, Júlio Pomar, João Vieira, Lourdes de Castro, Luísa Correia Pereira, Graça Morais, Andreas Stocklein, Pedro Proença, Jun Shirasu ou Minoru Niizuma, alguns estreando-se na arte do azulejo mas dando origem, em diversos casos, a obras de maior envergadura, as quais são marcos importantes da azulejaria portuguesa contemporânea.

O início da produção moderna encontra-se aqui representado por algumas peças. O artista gráfico Fred Kradolfer (1903-1968) está representado por um azulejo com as *Armas de Lisboa* [101-2292] e por uma composição livre de placas e peças relevadas [101-627].

A mais destacada obra pioneira do movimento moderno presente na Coleção é o espetacular painel desenhado pelo arquiteto e excelente desenhador Frederico George (1915-1994), para a antiga loja da TAP na Praça Marquês de Pombal - Avenida Braancamp (Lisboa). Esta composição centrada por um cavaleiro de desenho extremamente dinâmico, que na sua liberdade formal lembra as composições de cartazes, sobre um fundo de mapa astrológico onde se evidencia uma esfera armilar [101-4504], é outra das joias da Coleção Berardo.



101-2957



101-289



101-627



101-4504

O pintor e ilustrador Jorge Barradas (1894-1971) está representado com um conjunto de quatro painéis de grande dimensão, pintados em 1970, integrados na série temática dos Caprichos. Cada um deles apresenta uma figura no centro: um *Menino a tocar flauta* [101-682]; uma *Menina a brincar com um arco de flores* [101-683]; um *Menino a tocar tambor* [101-684]; e uma *Menina a segurar a saia* [101-685]. São ainda de Barradas dois azulejos com ornatos vegetalistas pintados [101-2038], e dois relevados, com motivos litúrgicos [101-2274], bem como três amostras de padrões relevados, com molduras de madeira originais do autor [101-1339, 101-1340 e 101-1341].

Maria Manuela Madureira (1930) é igualmente criadora de uma vasta obra. O conjunto de frisos que realizou em 1963 para o restaurante do demolido Hotel Estoril Sol (Cascais), um dos primeiros trabalhos de integração arquitetónica da artista, encontra-se hoje na Coleção Berardo [101-590 e 101-592], revelando nas suas formas delimitadas a negro um pendor abstrato, ao qual se associam máscaras antropomórficas.

Cecília de Sousa é igualmente uma criadora representativa de toda a azulejaria moderna portuguesa, em especial pelas suas experiências inovadoras em materiais cerâmicos depurados, recorrendo com frequência a óxidos metálicos aplicados diretamente sobre o barro refratário, sem vidrados, como duas placas expostas [101-2280 e 101-2281].

Outro artista que teve ligações esporádicas, mas marcantes com a azulejaria, foi o destacado pintor Júlio Pomar (1926-2018), aqui representado com o painel *Palhaço* [101-372], realizado na Fábrica Viúva Lamego em 1987.

Nas últimas décadas tiveram muito sucesso as edições numeradas de azulejos individuais, desenhados por artistas de nomeada e reproduzidos em fábricas, em especial na Viúva Lamego, destinados mais ao colecionismo do que à aplicação arquitetónica. São exemplos desta produção o azulejo *Galo* [101-972], de Francisco Relógio; um *Peixe-girafa* [101-1006], «figura avulsa» de Eduardo Nery; e os *Reis magos* [101-987], de Luís Filipe de Abreu. Uma edição da Caixa Geral de Depósitos e do Banco Nacional Ultramarino, de 1998, comemorativa dos Oceanos, realizada na Fábrica Viúva Lamego, inclui dois azulejos muito invulgares do arquiteto, pintor e caricaturista João Abel Manta, o *Sargaço III* [101-991] e *Peixes* [10-994]; uma placa que reproduz uma belíssima gravura de Paula Rego (1935), *Sereia a afogar uma menina* [101-993]; e um inesperado azulejo de Querubim Lapa, representando *Vasco da Gama e uma Sereia a caminho da Índia* [101-989]. Ainda dentro das edições especiais, encontra-se o conjunto de quatro azulejos, edição do Banco Espírito Santo, pintados na Viúva Lamego [101-953], dois desenhados por Júlio Pomar e dois pelo arquiteto Siza Vieira (1933), e outros de edições da Ratton Cerâmicas, de diversos artistas como Júlio Pomar [101-995, 101-2282 e 101-2283], Paula Rego [101-998 e 101-2288], Costa Pinheiro [101-995] e Pedro Proença, com o *Homem-bode* [101-2284].



101-590



101-372



101-684



101-993



101-2280



101-1006



101-995



101-2284